



DA CULTURA AFRICANA À MÃE HILDA JITOLU - O RESPEITO DO TERREIRO NA FORMAÇÃO SÓCIO-EDUCACIONAL DOS JOVENS DO CURUZU

Lúcio Dias das Neves¹

RESUMO: *Este artigo baseia-se na monografia apresentada na conclusão de curso de especialização em Metodologia do Ensino, pesquisa e Extensão em Educação – UNEB, que tem como objetivo fazer o levantamento do ensino aplicado na Escola de Alfabetização Mãe Hilda na comunidade do Curuzu – Liberdade, onde a educação se baseia na Lei de Diretrizes e Bases do MEC, sendo complementada pelo respeito herdado dos ancestrais africanos pelo povo de santo da Senzala do Barro Preto como ferramenta para o ensino e inserção social dos jovens que freqüentam esse espaço sagrado. Esse artigo também ressalta o respeito cultuado pelo Povo de Santo dentro da sua hierarquia de valores para o bom convívio e a Cultura Africana como diferencial na formação social e familiar dos jovens através da música, dança, poesia, o respeito às crianças, os cumprimentos (a bênção), o respeito à natureza, ao seu semelhante, o respeito a toda e qualquer religião, pois, são práticas do dia a dia dentro da comunidade desse Terreiro.*

Palavras-chave: Ensino; Respeito; Inserção social; Jovens

1. INTRODUÇÃO

A produção desse artigo está pautada no princípio da cultura africana na formação sócio-educacional dos jovens que freqüentam a Senzala do Barro Preto – Curuzu/ Liberdade, precisamente na Escola Mãe Hilda onde existe um Plano Pedagógico baseado nesses princípios para inserção social, ressalta-se a importância do trabalho desenvolvido nesta instituição para a inclusão do jovem que frequenta esse espaço sagrado.

É importante ressaltar que a produção deste artigo se estabelece um olhar diferenciado sobre a praxe educacional dos jovens do Curuzu oferecida pela Escola Mãe Hilda. Inclui a história da África como diferencial na formação cidadã dos jovens e, em paralelo, complementa essa formação ao desenvolver / motivar a auto-estima desses jovens ao buscar na historicidade negra o outro lado relacionando ao respeito existente nas comunidades africanas e a sua riqueza, em contraponto a condição de inferioridade como escravo apresentada em grande parte da história africana.

Nesse sentido, podemos compreender que as diferenças, mesmo aquelas que nos apresentam como as mais físicas, biológicas e visíveis a olho nu, são construídas, inventadas pela cultura. A natureza é interpretada pela cultura. Ao pensar dessa forma, entra nos domínios do simbólico. É nesse campo que foram construídas as diferenças étnico-raciais. Refletir sobre a cultura negra é considerar as lógicas simbólicas construídas ao longo da história por um grupo sociocultural específico: os descendentes de africanos escravizados no Brasil. Se partirmos do pressuposto de que o nosso país, hoje, é uma nação miscigenada, diríamos que a maioria da

¹ Comunicação Social - Relações Públicas Faculdade Isaac Newton. Especializando em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: luciodiasrrpp@hotmail.com. Autor



sociedade brasileira se encaixa nesse perfil, ou seja, uma grande parte dos brasileiros pode se considerar descendente de africanos. Porém, essa referencia é para o grupo étnico/ racial classificado socialmente como negro.

Seguindo o período de afirmação das lutas dos africanos e suas gradativas conquistas no sentido de se reconhecer como parte importante do processo de colonização do Brasil e preservação da cultura africana frente ao imperialismo colonizador, é estabelecido em contrapartida a política de embranquecimento no sul do país com objetivo de transformar a população brasileira numa população pura conforme os moldes europeus segundo citação abaixo:

Essa política do branqueamento que caracteriza o racismo no Brasil se alimenta das ideologias, das teorias e dos estereótipos de inferioridade e superioridade racial que se conjugam com a política de imigração européia, para ‘apurar a raça brasileira’ e com a não legitimação, pelo Estado, dos processos civilizatório indígenas e africanos, constituintes da identidade cultural da nação. Nesse âmbito, opera a ideologia do sincretismo, tentando a pujança da cultura negra do povo brasileiro (LUZ, 1993, p. 178-179).

Essa política do branqueamento que caracteriza o racismo no Brasil se alimenta das ideologias, das teorias e dos estereótipos de inferioridade e superioridade racial que se conjugam com a política de imigração européia, para ‘apurar a raça brasileira’ e com a não legitimação, pelo Estado, dos processos civilizatórios indígenas e africanos, constituintes da identidade cultural da nação. Nesse âmbito, opera a ideologia do sincretismo, tentando a pujança da cultura negra do povo brasileiro.

Ainda afirma que:

O ideal racista no Brasil se caracteriza hoje pelo chamado processo de “mestiçagem”, que se caminha em direção ao padrão do homem branco: negro, mulato, moreno, branco. No âmbito cultural, esse “caminho ideal” se caracteriza por processo similar. Religião negra, espiritismo, “catolicismo popular” ou “sincretismo”, catolicismo apostólico romano(LUZ, 1993, p. 180).

Baseado nessa repercussão histórica gerada em torno da necessidade de se conhecer a identidade e a imagem da população afro-brasileira que se pensou em discutir e formular o projeto de inclusão da história da África como disciplina oficial no ensino brasileiro e na qualificação dos docentes através de cursos de graduação e pós-graduação, marcando, assim, uma trajetória de realizações e concepções, com referencias entre diferentes vertentes culturais entre negros, índios e brancos, asiáticos e outros que fazem jus ao conceito de miscigenação.

DESENVOLVIMENTO

A Cultura Africana é rica em valores a serem oferecidos na educação e formação dos jovens. Mesmo antes da promulgação da lei 10.639 em janeiro de 2003 que obriga o ensino da África nos currículos escolares, a Escola Eugênia Ana e a Escola Mãe Hilda – escolas dentro de terreiro de candomblé buscavam bases nos princípios africanos na praxe escolar.



Ressalta Santos que:

A agenda colocada pela Lei, neste sentido, não indica apenas inserir conteúdos, fundamentalmente também, rever conteúdos (que ocultam mais do que revelam, que silenciam mais do que mostram), rever práticas e posturas, rever conceitos e paradigmas no sentido da construção de uma educação anti-racista, uma educação para a diversificada e para a igualdade racial. Esta missão envolve, portanto, uma pauta diversificada e complexa, de que, chamamos a atenção três vertentes de intervenção: a coordenação das relações cotidianas no âmbito escolar; a transversalização da temática racial pelas diferentes disciplinas, como a revisão de materiais didáticos; e a utilização de métodos e técnicas pedagógicas alternativas quando necessário (SANTOS, 2007, p. 23).

Portanto, em pesquisa ao site do Ilê Aiyê² se vê que o princípio da formação juvenil aplicada na Escola Mãe Hilda é o respeito à ancestralidade e condutas éticas praticadas dentro das tribos muito antes da colonização do Brasil. Esses valores são vistos e caracterizados através da própria história africana, da mão-de-obra para formação das arquiteturas e cultivo agrícola, na associação dos orixás aos santos católicos, na culinária que permeia até os dias atuais, ervas trazidas nos negreiros e identificação das já existente para tratamento das mazelas e as culturas herdadas na dança, capoeira e a própria herança de terreiro de candomblé como diferencial e contraposição da imagem negativa do negro apresentada no cotidiano.

Dentro do terreiro de candomblé existe uma hierarquia entre o “povo de Santo”. O titular de uma “Casa de Candomblé” é uma Yalorixá, no caso de uma mulher ou Babalorixá se for um homem. Seguindo essa hierarquia, encontram-se os “ogãs” (homens) e “equedes” (mulheres). Em seguida as “ebams” que são as iniciadas com sete anos de obrigações feitas e por fim as “iaôs” que são as novas no Santo. A relação entre esse conjunto de filhos e filhas de um Terreiro é de muito respeito, disciplina e obediência. O respeito aos mais velhos, no Santo (independente de idade cronológica), o respeito às crianças, os cumprimentos (a bênção), o respeito à natureza e ao seu semelhante e o respeito a toda e qualquer religião, são uma prática do dia a dia dentro da comunidade de um terreiro. Portanto, através dessa prática do “povo de santo” contribui de modo eficaz na conduta ética dos jovens, visto que são valores que não constam dentro da lei de bases e diretrizes do MEC, mas, são decisivas no resgate da auto-estima e valorização dos jovens.

Neste sentido percebe-se que a escola é o local das descobertas para as crianças em concordância com o comentário acima, pois, é lá que ela aprenderá ou não a conviver ou não com as críticas, competições, perdas e realizações. Além disso, a escola é a instituição que ministra o conhecimento, o qual deve se basear em valores éticos e democráticos, pois a formação cidadã consiste em grande parte na responsabilidade da escola. Portanto, os projetos pedagógicos deveriam expressar e dar sentido democrático a diversidade cultural presente no espaço escolar, reconhecendo e valorizando essas culturas e ensinando aos educandos a respeitarem a cultura do outro, como aponta o professor, doutor em educação pela PUC/SP e mestre em filosofia das ciências, pela USP:

Ter uma escola democrática significa desenvolver uma educação escolar que compreenda as diversas interferências e interesses que perpassam na sociedade

² <http://www.ileaiye.org.br>



e que organize o ensino de forma a levar o educando a compreendê-lo e a compreender o papel de cada um, individualmente, e o de cada grupo organizado, para poder interferir nas ações dessa sociedade (RODRIGUES, 1988, p. 60)

A Escola de Educação Infantil Mãe Hilda foi pensada por volta de 1988/1989 quando a notícia que as filhas de Mãe Hilda estavam ensinando no terreiro e que até mesmo o comportamento das crianças mudou positivamente. Contudo, tratava-se de aulas de banca a pouco mais de cinco crianças que tinham dificuldades de aprendizagem, sendo que logo depois surgiram crianças com índice de bi-repetência e evadidas das outras escolas. Assim, então, pouco mais de um ano o espaço já não comportava tanta criança. Como sempre fora um sonho antigo da Yalorixá ter um espaço de educação formal, a mesma encorajou-se com tal expansão de jovens e foi à secretária de educação solicitar material para acomodação dos frequentadores que começou no “barracão” das festas sagradas com duas professoras lecionando de forma multisseriada.

A proposta pedagógica da Escola Mãe Hilda também tem como referencial à música do ilê como instrumento/ ferramenta para o trabalho desenvolvido com os jovens. As músicas do ilê aiyê passaram da simples atividade do simples “cantar para motivar” ou para “recreação” para a “lição” onde se pode interdisciplinar à vontade e com facilidade no cotidiano da praxe da escola. É a hierarquia existente dentro da comunidade de um terreiro de Candomblé. Nessa hierarquia existe o titular da casa: Babaloxixá ou Yalorixá, seguido dos ogãs e equedes: ebams e as iaôs. O que existe entre esse conjunto de filhos e filhas de um Terreiro é muito respeito, disciplina e obediência, no qual, também é parte importante para a educação desses jovens que frequentam o espaço sagrado. Podemos destacar as principais características dessa formação educacional como:

- o respeito aos mais velhos;
- no Santo (independente da idade cronológica);
- o respeito às crianças;
- os cumprimentos (a bênção);
- respeito à natureza;
- ao seu semelhante;
- e o respeito a toda e qualquer religião.

A palavra *respeito* denota: “1. Ação ou efeito de se respeitar (-se). 2. Receio. 3. relação, referência. 4. ponto de vista. 5. Reverência. 6. Importância. 7. Saudações, cumprimentos. → res.pei.to.so (ô) *adj* [Pl.:*respeitosos (ô)*]” (XIMENES, 2000, p. 814). Portanto, baseado nessa definição, os alunos convivem naturalmente nesse espaço sagrado e as práticas também são evidenciadas no cotidiano familiar e social ao começarem a ter novas posturas ao assimilarem esses valores oferecidos na Escola Mãe Hilda, pois, tem consciência que convivem num espaço de Terreiro sagrado e não usam palavrões, por não ouvirem do Povo de Santo, aprendem a



respeitar a religião do outro (possui alunos de diversas religiões) e segundo depoimento de algumas mães esta “nova” postura tem influenciado de forma positiva na formação sócio-educacional dessas crianças.

O Projeto de Extensão Pedagógico do Ilê Aiyê que possui a categoria de: Arte-Educação e Pluralidade Cultural que visam “Os conteúdos da história da participação da afro-descendência na construção da cultura brasileira, não pode mais continuar transversal-superficial. Pelo nosso estudo e resgate, já constatamos que eles são vitais (básicos) para a construção da personalidade e identidade estético-cultural dos nossos filhos que não são a imagem do belo e do inteligente para os padrões oficiais racistas”.

Contudo, neste sentido, através da Escola de Música, Percussão e Dança Band’Erê, da Escola Profissionalizante, da Escola de Informática mantida com o apoio da Secretaria Municipal e outros parceiros capacita professores e realiza oficinas com os alunos de percussão, música, dança confecção de adereços, figurinos e trançados nos cabelos, etc., desenvolve a responsabilidade de produção no meio social dos jovens que frequentam essas oficinas e não fazem parte do quadro de alunos da Escola mãe Hilda inserindo-os socialmente e estimulando a sua auto-estima.

Segundo dados coletados no site da Escola Mãe Hilda³, essas crianças têm acesso à leituras de leituras e audições de lendas e contos de diversos autores nacionais e estrangeiros. E como prática do terreiro também tem acesso as Lendas dos Orixás, a sua relação com os elementos da natureza e em contrapartida as suas preferências alimentares, introduzindo os mesmos a melhor compreensão da herança dos ancestrais e, ocorre também essa prática pedagógica com a cultura indígena visando minimizar o preconceito, visto que dentre os alunos da escola há filhos de diversas religiões como protestante, cristãos, evangélicos dentre outras. Evitando assim a doutrinação e sim, uma contextualização maior sobre as culturas diversas.

CONCLUSÃO

A Proposta pedagógica da Escola Mãe Hilda ainda está em processo de sistematização e contínua experimentação dos métodos aplicados. Mesmo com a procura incessante por vagas na escola e a recusa devido à limitação do espaço e por ainda não possuir autorização para o funcionamento os professores estão sendo qualificados continuamente para formação dos jovens da alfabetização á 5ª série e do ensino fundamental. Atualmente a Escola Comunitária Mãe Hilda atende a 210 crianças distribuídas nos dois turnos diurno existindo busca diariamente para o ingresso de novas crianças.

Destacamos neste objeto de estudo o trabalho desenvolvido pela instituição que se auto-afirma “o mais belo dos belos”, e que desenvolve diversas atividades comunitárias na busca acima de tudo da valorização no negro frente à sociedade e o aumento da estima no presente e nas futuras gerações de acordo com a imagem positiva do passado ofuscada por grandes intelectuais e banalizada pelos meios midiáticos.

³ <http://www.ileaiye.org.br/maehilda.htm>



REFERÊNCIAS

LUZ, Marco Aurélio. **Do tronco ao opa exin**: memória e dinâmica da tradição africana-brasileira. – Salvador, BA: SECNEB, 1993.

RODRIGUES, Nedison. *Da mistificação da escola a escola necessária*. São Paulo: Cortez, 1988.

SANTOS, Roberto E. dos. **Diversidade, espaço e relações sociais**: O negro na geografia do Brasil. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

XIMENES, Sérgio, 1954 – **Minidicionário da Língua portuguesa** /Sérgio Ximenes – 2º Ed, reform. – São Paulo: Ediouro, 2000.

<http://www.ileaiye.org.br> consultado em 14/04/2009.

<http://www.ileaiye.org.br/maehilda.htm>, consultado em 14/04/2009.